

Resenhado por: Félix Bugueño Miranda¹

É no mínimo curioso o texto que comentamos nesta oportunidade. Curioso, já que o leitor, pelo título, aguarda uma coisa e após (e durante) a leitura se depara com outra. *La Lexicologie* sugere que se trata de uma obra de caráter descritivo e introdutório deste fascinante aspecto das “sciences du langage”. Na verdade, mais que apresentar um panorama geral em relação a um problema de interesse científico (o que é o espírito da coleção “Que sais-je?”), o livro pode ser entendido como uma abordagem epistemológica do estudo do vocabulário. Nessas condições, nos perguntamos se o texto apresenta o equilíbrio necessário: de uma parte, esperamos uma introdução à lexicologia, e esse objetivo, como a seguir veremos, se cumpre só parcialmente; de outra parte, como fundamentação epistemológica do estudo do léxico, tampouco alcança totalmente seu objetivo, já que pelo formato e o número restrito de páginas não se aprofunda o suficiente como para poder seguir com propriedade a discussão, coisa que é, na nossa opinião, fundamental, por se basear esta em autores de complexa argumentação, tais como Wittgenstein e Pierce.

Formalmente *La Lexicologie* se divide em quatro capítulos, uma conclusão e uma bibliografia. O capítulo I (“Situation de la lexicologie”) oferece ao leitor um panorama crítico das várias definições propostas para esta disciplina das ciências da linguagem. O autor conclui que a lexicologia é o estudo dos vocabulários, entendendo por “vocabulário” um conjunto de palavras que pertencem a um mesmo domínio de uso [fr. *domaine d’usage*]. Dando prosseguimento, Roland Eluard (E.) aborda as relações que tem a lexicologia com outras disciplinas, tais como a filosofia da linguagem, a lexicografia, a terminologia e a semântica. Ainda que o autor faça esforços por apresentar as “premissas” da sua argumentação por meio de uma citação constante (de Platão a Wittgenstein), a complexidade própria do assunto impede que se compreenda bem o porquê se faz necessário abordar questões de filosofia da linguagem “tão cedo” no texto, considerando que até esse momento o leitor nem sequer foi informado sobre os objetivos e métodos da lexicologia. É com um grande esforço que o leitor pode descobrir que o que está por trás da exposição é legitimar o conceito de “uso” [fr. *usage*], tomado das propostas de Pierce e Wittgenstein. Na verdade, o “grau de sucesso” na leitura dependerá mais dos conhecimentos prévios do tema que o leitor tenha que da exposição argumentativa do próprio texto. Em relação à lexicografia, à terminologia e à semântica, E. faz uma série de observações bastante interessantes, visando estabelecer tanto pontos de contato como divergências entre estas disciplinas das ciências da linguagem e a lexicologia. Assim, por exemplo, adverte que “si le dictionnaire

Professor de Língua Espanhola do Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras da UFRGS.

postule l'existence du lexique, il n'est évidemment pas une preuve de cette existence" (p.23). Quanta sabedoria há nestas palavras!

O capítulo II ("Status lexicologique du mot") é, na nossa opinião, o melhor de todo o livro todo, pois apresenta de maneira muito clara as diferentes perspectivas com que se pode fazer o estudo das palavras, desde a fonologia lexical à semântica lexical. Neste ponto Eluard introduz uma distinção bastante interessante, já que estabelece uma separação entre o que ele chama de "fatos [sc. lexicológicos] que se podem sistematizar relativamente bem" [fr. *les faits relativement systématizables*] e aqueles que não o são [fr. *les faits qui ne peuvent être que décrits*]. Segundo E., as fórmulas fonológicas canônicas ou as relações sêmicas fundamentais (homonímia, antonímia, etc.) pertencem àquele âmbito de uma língua natural que é perfeitamente possível de analisar e sistematizar. Fenômenos tais como os neologismos ou os usos idioletais, pelo contrário, não apresentam essa característica. Sem que seja dito expressamente, Eluard deixa entrever que são irreduzíveis de alguma maneira. Ainda que na nossa opinião seja possível tratar desta divisão em outros termos, consideramos a proposta muito interessante e útil não somente para o lexicólogo, mas também para o lexicógrafo. Merece destaque especial o fato de Eluard deixar claro que a antonímia, tão negligenciada nos estudos lexicológicos, necessita de um tratamento mais diferenciado, já que há três tipos de relações que expressam "o oposto". A única crítica que temos para fazer diz relação à distinção entre "polissemia" e "homônimos etimológicos" (por oposição aos homônimos por casualidade [fr. *homonymes de hasard*]) (p.46-47). Na nossa opinião, não faz sentido insistir nessa questão. Primeiramente, porque falar em "homônimos etimológicos" e "polissemia" não é outra coisa que falar do mesmo fenômeno desde duas perspectivas complementárias: sincronia e diacronia. Em segundo lugar, porque nem sempre é possível estabelecer com absoluta precisão se uma homonímia é efetivamente etimológica. Basta não poder ter certeza da base etimológica comum. Não podemos deixar de fazer uma última observação: Eluard utiliza indistintamente os termos *signification* e *sens*. Julgamos que não se tratam de expressões "sinônimas".

O capítulo III ("Description lexicologique du sens") é o mais controverso do livro. Eluard almeja nele propor um método de análise lexicológica baseado em um modelo chamado de "sinopse de significação". Sua exposição começa com uma análise crítica dos modelos semânticos mais conhecidos, tais como a análise componencial e a semântica prototípica. Inexplicavelmente, falta uma "olhada mínima" no método dos campos léxicos (al. *Wortfelder*), que ofereceu bons resultados para a lingüística. As limitações desses métodos levam o autor a propor um modelo novo, que é uma síntese do pensamento de Pierce e Wittgenstein. Duas são as premissas básicas da "sinopse de significação": estabelecer por meio de operações associativas todas as significações possíveis para um lexema e legitimar tais significações no uso. A fundamentação teórica dessas premissas é, no nosso entender, o maior problema que apresenta o texto. Ainda que Wittgenstein e Pierce, assim como alguns dos seus exegetas, são citados "in extenso" com o intuito de fundamentar as próprias posições teórico-metodológicas, muitas passagens resultam difíceis de compreender (v. especialmente p. 84-90). Não fica totalmente claro, por exemplo, qual o diferencial (teórico) em

relação ao conceito de "uso", de ampla legitimação prévia na lingüística. O mesmo acontece com o conceito de "signo lingüístico", apresentado como uma tríade (Pierce). Não conseguimos compreender as conseqüências teórico-metodológicas na aplicação desse conceito em lexicologia. É uma lástima que os aportes de Wittgenstein (citado fundamentalmente por trabalhos "complementários" às *Philosophische Untersuchungen*) não encontrem o espaço suficiente e um "jeito mais amigável" na exposição. Perde o livro e perde o leitor.

O capítulo IV ("Questions de méthode") é, na verdade, uma síntese sobre problemas "macroestruturais" em relação ao número de unidades que podem compor um "domínio léxico". Tal como diz o título, trata-se de uma breve síntese metodológica: os tipos de "corpora" com os quais o lexicólogo pode trabalhar, as construções do corpus, como tratar ocorrências léxicas em contexto, a posição do sujeito "que interroga" um corpus léxico, etc. Gostaríamos somente de comentar dois aspectos pontuais: uma das premissas propostas por Eluard é a relação sincronia-diacronia, já que "l'étude d'un mot ou d'un vocabulaire ne peut être un étude purement synchronique" (p.97). Em consonância com o valor fundamental do conceito de "uso", o estudo de uma palavra ou de um domínio léxico não se faz sobre um estado de língua, mas sobre um determinado estado de uso (ibidem). Não entendemos muito bem esta formulação. A aparente antinomia sincronia-diacronia já foi resolvida por Wartburg no que diz respeito ao estudo de um fenômeno lingüístico visto em perspectiva. Por outra parte, ao expor as possibilidades de organização macroestrutural, E. faz menção dos princípios de ordenação semasiológica e onomasiológica, respectivamente. Essa distinção, porém, está mal explicada. Assim, para Eluard, "semasiologia" implica uma progressão "des mots vers les choses" (p. 114), o que está errado. "Semasiologia" significa ir do significante ao significado. No que diz respeito à "onomasiologia", o autor afirma que significa ir "des choses vers les mots", questão que tampouco é verdadeira, pois a onomasiologia é ir de um conceito (noema) para procurar suas designações possíveis.

O livro de Roland Eluard acaba com uma "Conclusion" que confirma as nossas impressões iniciais. Uma vez mais, E. volta a insistir que o estudo dos vocabulários ("l'étude des vocabulaires") considera dois domínios: aquele dos lexemas e o da presença de ocorrências (léxicas). Ambos domínios aparecem relacionados pelo uso. A continuação, o autor lembra uma vez mais que a lexicologia tem ainda muito a fazer. O livro conclui com as seguintes palavras: "le travail [sc. de la lexicologie] ne fait que commencer" (:124). Acreditamos que a argumentação teórica e metodológica exposta por E. não faz se não que esse "começo" tenha uma progressão lenta demais. Não basta citar grandes nomes do pensamento científico. É necessário voltar "operativas" às suas idéias.

Em resumo: Trata-se de um livro com falta de equilíbrio. Em alguns momentos apresenta uma exposição interessante. Em outros, fica difícil fazer uma leitura proveitosa, tanto em relação ao respaldo que o autor almeja dar a sua própria argumentação, como no ganho que teria que ter o leitor.